

Contos e Lendas de Pace

O reino dos elfos

Lucas Petri Gonçalves

Copyright © 2016 by Lucas Petri Gonçalves

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros. Esta é uma obra meramente fictícia, qualquer semelhança com fatos, situações ou pessoas é mera coincidência.

Teresina – PI

Índice

Capítulo 1 – Prólogo.....	6
Capítulo 2 – Vislumbres	11
Capítulo 3 – Um novo momento	31
Capítulo 4 – Os novos reis	50
Capítulo 5 – Pânico propenso.....	74
Capítulo 6 – Belas cores escondidas	94
Capítulo 7 – O voo do dragão.....	113
Capítulo 8 – Laços que se partem.....	129
Capítulo 9 – A outra parte da família.....	149
Capítulo 10 – Quebrando um hábito	170
Capítulo 11 – Ódio que devora o caçador	193
Capítulo 12 – A raiz dos problemas	221
Capítulo 13 – Águas seguras.....	236
Capítulo 14 – Cordeiro entre lobos.....	266
Capítulo 15 – A busca do céu azul	287
Capítulo 16 – Sangue negro	304
Capítulo 17 – Corrompido.....	340
Capítulo 18 – Sal na ferida	364
Capítulo 19 – Eu vi você mudar	392
Capítulo 20 – Bem o suficiente sozinho	415
Capítulo 21 – Mande a dor abaixo.....	436
Capítulo 22 – Retornar	465

Capítulo 23 – Quem ri por último	482
Capítulo 24 – Ciclo vicioso.....	494
Capítulo 25 – Epílogo	533



Capítulo 1 – Prólogo

Existe toda uma crença por trás da criação do mundo em que os humanos e outras criaturas convivem. Uma delas, e a mais conhecida, é de um deus que não possui forma, gênero ou nome, que é apenas pura energia, que com sua onipotência criou um mundo para que a vida pudesse existir.

Dessa forma, humanos, animais e várias criaturas mágicas permaneciam separados em dois pedaços de terra cercado por água, distantes um do outro, e por muitos anos assim ficou. Todos viviam bem e sem conflitos, até que a população começou a crescer demasiadamente.

Os seres de inteligência mais elevada começaram a disputar território e alimento, em decorrência da expansão de sua própria raça, gerando muitas guerras e, conseqüentemente, a morte de muitas tribos. Com o tempo, raças começavam a desaparecer uma por uma. Algumas partiam para os mares em busca de novas terras, como aconteceu com os elfos. Outras se enterraram nas profundezas do solo, onde a luz não alcançava, como fizeram os trasgos. As hidras desapareceram no fundo do oceano e os trolls adentraram-se nos mais densos pântanos.

Porém, a isolamento não foi uma solução para o problema com divisão de territórios, mas sim o surgimento de mais um problema: a solidão. A disputa por terras não havia sido solucionada e, com o tempo, os semelhantes das mesmas tribos começaram a lutar entre si. A falta de um aliado para ajudar na

sobrevivência e até mesmo para se conviver como parte da família causou um grande impacto.

Sabendo de sua situação crítica, muitos do povo elfo buscaram novos modos de viajar de forma rápida para outros continentes, a fim de encontrarem novas raças que poderiam tornar-se aliadas. E por muito tempo os elfos estudaram para alcançar seu objetivo. Comovido pelo esforço das criaturas, o deus que criou o mundo e todos os seres concedeu aos elfos a magia.

Com o novo poder em mãos, os mesmos puderam criar portais que atravessassem vastos oceanos, magias que protegessem as embarcações dos perigos dos mares e vários outros meios de se locomoverem de forma rápida e segura. Com o esforço e dedicação necessários, os elfos conseguiram chegar até o continente onde os humanos habitavam. Todavia, não tiveram a recepção que esperavam, muito menos a visão que tinham em mente do continente.

Assim decidiram partir de sua terra em barcos enormes que velejavam em uma velocidade surpreendente, mas, assim que avistaram as embarcações, os humanos atacaram sem piedade. Frustrados, mas ainda com esperanças, os elfos contornaram o continente até encontrarem um local seguro para atracar. No entanto, logo foram caçados também em terra firme.

Exaustos por serem procurados aonde quer que fossem, os elfos decidiram retornar para seu lar, embora algumas centenas tenham decidido permanecer para continuar a procura de um lugar onde pudessem ser aceitos.

Com perseverança, os poucos que ficaram encontraram pequenas vilas que permitissem sua presença. E assim, em troca da moradia e hospitalidade, os elfos deram aos humanos o conhecimento sobre magia e compartilharam sua tecnologia.

No decorrer da convivência dos dois povos, várias famílias de humanos e elfos se uniram, tiveram seus herdeiros e aumentaram sua população. Consequentemente, aumentaram também o tamanho de suas vilas, que logo se tornaram cidades grandes e depois reinos.

Até certo ponto essa união permaneceu em harmonia. Tanto os humanos quanto os elfos ganharam uma nova vida e isso enchia seus corações, mas não demorou muito para que a expansão de sua população logo chamasse a atenção de outros reinos. Muitas guerras começaram, com o objetivo de varrer daquele continente qualquer raça que não fosse humana.

Vendo seu povo ser devastado, os elfos partiram novamente para sua terra natal. Construíram portais que puderam se conectar com os outros que já haviam construído do outro lado do mundo, em seu próprio continente. E em nome da aliança, da amizade e das famílias formadas entre as duas raças, os elfos pediram para os humanos que, após sua partida, os portais que interligassem os dois continentes fossem destruídos, para o bem dos dois povos. E assim aconteceu. Depois da partida dos elfos, todas as formas e meios de ir de uma terra a outra foram extintos.

Segundo relatos orais, no entanto, uma sábia elfa insistiu em ficar e terminar seu último projeto. De acordo com suas

ideias, um último portal precisava ser construído no coração do reino para que, algum dia, alguém de espírito nobre e de responsabilidade pudesse encontrá-lo, formando novamente uma aliança entre os humanos e elfos. E assim que a sábia alcançou seu objetivo, fugiu sem ninguém saber qual teria sido seu paradeiro.

Essas e outras histórias foram passada de geração em geração, contada para todas as crianças dos reinos em que os elfos conviveram junto com os humanos, para que essas crianças soubessem da coragem e sabedoria desse povo. Também para encorajar as novas gerações descendentes de elfos a estudarem magia e procurarem formas de se comunicarem com o continente de seus ancestrais.

Por outro lado, muitos reinos ainda eram contra a aliança entre povos e, numa busca pela erradicação da prática, iniciou-se um período de perseguições. Com medo de retaliação, os adeptos da aliança aos poucos abandonaram suas crenças e costumes, até que todo o conhecimento gerado pelo povo elfo no coração dos humanos ficasse restringido timidamente no espírito de moradores mais velhos de algumas vilas afastadas das capitais.

Depois de algumas décadas a magia acabou por cair no esquecimento, conseqüentemente considerada extinta do continente dos humanos. Mas a esperança de que algum dia os dois povos iriam se encontrar nunca se perdeu.

Capítulo 2 – Vislumbres

Estava muito escuro para enxergar até a um polegar de distância. Ao tentar erguer seus braços, acabou batendo-os em uma parede logo a sua frente, causando um susto repentino. Com paciência apalpou a superfície a fim de verificar do que era feita. “Madeira”, reconheceu. Depois de alguns segundos pensando sobre que lugar era aquele, percebeu que também estava deitado e uma onda de pânico o envolveu.

Começou a mexer os braços e pernas, cada vez mais violentamente, desesperado para achar uma saída. Não demorou muito e começara a gritar, chamando por ajuda. Não conseguia ficar calmo até que alguém o respondesse, então, com todos os seus músculos, tentou empurrar a superfície plana a sua frente. Quando começou a sentir seus braços tremerem pelo esforço, finalmente um som de algo trincando ecoou no pequeno espaço e logo em seguida a parede de madeira sólida rompeu, deixando terra úmida e pesada desabar sobre seu peito.

Desesperado, com medo de morrer soterrado, enfiou a mão por entre o buraco que fizera e começou a puxar a terra, procurando qualquer coisa em que pudesse se agarrar para erguer seu corpo para fora daquele recipiente apertado.

Contraindo os músculos do abdômen e dando impulsos com as pernas, adentrava cada vez mais naquele solo frio e mal cheiroso, até que a ponta de seus dedos alcançou um ponto vazio: era a saída.

Cansado e quase sem poder respirar, usou todas as suas energias, até conseguir colocar sua cabeça para fora da terra. Finalmente pôde puxar o oxigênio para dentro de seus pulmões, tossindo logo em seguida. O ar da superfície não era nem um pouco melhor que o cheiro daquele solo. Com o esforço final, terminou de retirar o resto de seu corpo de fora da terra.

Levantando meio cambaleante, observou a sua volta. O lugar que o rodeava era feio e lhe passava uma sensação horrível de insegurança. Era um campo extenso e amplo, o solo, quando não nu, estava coberto por uma grama pálida e baixa. Para todo o lado que se virava via apenas lápides e árvores secas. Concluiu que estava em um cemitério. Apavorado, tornou sua atenção para o local de onde saiu e, com a garganta apertada, viu logo a sua frente uma lápide, nela escrito: Descanso eterno para o rei que nos abandonou.

Sua reação foi dar um passo para trás, sem acreditar no que via. Foi quando começou a correr sem rumo, apenas desejando se afastar daquele lugar. Depois de alguns minutos de desespero, viu surgir no horizonte grades de um portão, entre muros enormes e cheios de musgo.

Chegando ao local, sacudiu, chutou e empurrou o portão, na tentativa de abri-lo, mas as firmes barras de ferro nem rangeram, muito menos se moveram. Deixou-se, então, cair de joelhos, rezando para que aquele pesadelo acabasse logo, mas um som terrível interrompeu suas preces. Ao virar-se bruscamente, notou agora que o campo que percorrera até os portões de ferro estava lotado de árvores secas, como se apenas

tivessem surgido ou o perseguido até o local, trazendo junto consigo uma densa neblina.

Prestando atenção naquela paisagem assombrosa, começou a escutar baixos ruídos, que mais pareciam gemidos e lamentos. Ao recuar acabou encostando as costas nas grades do portão, mas em momento algum desviou o olhar da neblina. Com os olhos vidrados, percebeu uma pequena luz vermelha se aproximar, tão pequena que parecia estar distante. Mas não muitos segundos depois de ter visto a luz, sons de correntes e passos se arrastando surgiram. Seu coração saltou quando finalmente a luz se mostrou fora do nevoeiro.

O brilho avermelhado era na verdade os olhos de uma criatura horrenda. Sua pele parecia seca e apodrecida, alguns de seus membros tinham ossos expostos e seu andar era torto e cambaleante. Só conseguia imaginar que aquela criatura não tivera a mesma sorte de escapar a tempo do próprio túmulo.

Sentiu indefeso. Não possuía armas para se proteger e o medo paralisava seu corpo inteiro, mas o cadáver ambulante não parava de se aproximar. Até que da névoa surgiram mais criaturas, todas elas em estado avançado de putrefação. Quando ficou cercado pelos seres medonhos, uma voz rouca e indistinta ecoou e pareceu interromper o avanço deles.

Por um tempo se sentiu levemente aliviado, mas logo a sensação desapareceu quando viu surgir por detrás das árvores secas um homem com quase o dobro de sua altura. Ele não estava com um aspecto tão ruim quanto os outros, mas ainda sim era muito diferente de um humano vivo. Sua pele parecia mais

seca que o normal e possuía um tom cinza, sua face estava cheia de cortes e seus olhos não tinham cor, eram apenas globos brancos sem vida.

Mas o que mais o surpreendeu foi o fato de que aquele morto-vivo conseguiu falar. Era uma voz muito rouca, provavelmente devido ao estado de decomposição de suas cordas vocais, mas ainda era uma voz imponente. A criatura disse:

– Então, o filho mesquinho do rei resolveu dar as caras!

O rapaz levou um grande susto. Não esperava a criatura falar, quanto menos proferir tais palavras, como se bem o conhecesse.

– O que foi? As larvas comeram sua língua? – O monstro indagou sarcástico, mostrando a língua cheia de vermes.

Seu estômago revirou. Tapou a boca com uma das mãos e sem pensar duas vezes correu paralelamente aos muros do cemitério, tentando fugir das criaturas. Mas, em meio à corrida, algo agarrou seu pé e o derrubou no chão. Tentou se levantar rapidamente, mas parecia ter ficado preso. Quando se virou para retirar o que quer que estivesse o segurando, viu um braço saindo da terra e prendendo seu pé com um forte aperto. Desesperado, chutou-o para escapar, mas outra mão grande e forte prendeu seu pescoço e o ergueu. Era a criatura estranha que podia falar.

Tentou segurar os braços da criatura e se livrar de suas garras, mas o cadáver ambulante não soltava de maneira alguma. Até que um sorriso surgiu no rosto do monstro.

– Lembre-se bem, garoto. Seu pai vai pagar pelo que fez. Ele e suas próximas gerações por uma eternidade – o ser sentenciou.

E logo depois, o rapaz escutou o som de terra se desfazendo. Ao olhar para baixo, viu um buraco se formar no solo, de onde mãos em chamas puxavam o ar desesperadamente e gemidos de dor ecoavam. Esperneou amedrontado e com raiva daquela situação impotente. E assim, o monstro o jogou para dentro do fogo.

O jovem acordou despencando de sua cama, enrolado no cobertor, e seu coração à mil. Mal conseguia respirar, quanto menos emitir alguma palavra, pois o pesadelo tinha sido realmente muito real. Levantou-se com dificuldade e, naquele mesmo instante, a porta rangeu.

Virou-se bruscamente para ver quem era e reconheceu sua irmã.

– O que foi? Parece que viu um fantasma. – Ela disse divertida.

– Não tem graça, Lina! Eu poderia ter me machucado – o rapaz protestou enquanto terminava de se levantar.

– Outro pesadelo? Isso é porque você anda se arriscando demais nos treinos. Não sabia que os sonhos são uma condensação das experiências vividas no dia a dia?

– Ah! Me esquece! Já está pronta ou veio aqui só me perturbar?

– Estou pronta há muito tempo – respondeu a garota quase impaciente.

– Então me espere lá na cozinha. Eu já vou me arrumar.

E foi o que Lina fez. Ela apenas acenou com a cabeça e tornou a fechar a porta.

Em paz, o garoto voltou-se para seus pensamentos. Tentava lembrar-se do que tinha sonhado ao mesmo tempo em que arrumava sua cama. Assim que terminou, foi para o armário vestir suas roupas para o treinamento. Eram tempos frios aqueles, por isso vestiu uma blusa de manga comprida feita de algodão e por cima da blusa um pesado casaco preto. Calçou suas luvas e as botas de pele de carneiro.

“Enfim pronto”, pensou consigo mesmo. Indo em direção à porta, viu seu reflexo no espelho. Seu cabelo estava todo desgrenhado, mas o jovem apenas puxou com os dedos os fios rebeldes para trás. E, sem se preocupar com mais nada, saiu pela porta.

Passou pelos corredores do castelo onde morava, cumprimentando os funcionários e soldados que via fazendo a ronda, até chegar ao saguão, onde viu sua mãe, Mari, apressada.

Ela estava trajada em suas vestes formais. Provavelmente atenderia às solicitações da população em uma audiência, ou entraria logo em reunião com legisladores de outros reinos. Seu cabelo negro brilhante e ondulado estava preso em um coque com uma presilha no topo da cabeça. A palidez de sua pele, no

entanto, denotava que não saía do castelo com tanta frequência ultimamente, presa em papeladas e assuntos internos.

– Muito atarefada hoje? – Indagou enquanto observava a elegante mulher subindo as escadas do saguão para o andar superior, onde o jovem estava.

– Um pouco, sim. Está indo treinar?

– Sim, mas antes vou para a cozinha.

– Tudo bem, então. Não exagere nos treinos, viu? – A mãe fez a pergunta retórica e terminou de subir as escadas, passando ao lado do filho e dando-lhe um beijo na testa.

O rapaz sorriu. Desceu para o primeiro andar do castelo pelo corrimão da grande escada, usando-o como escorregador. Atravessou o saguão e seguiu para o corredor que levava à cozinha. Chegando ao seu destino, viu a grande mesa com alguns pratos nutritivos para o café da manhã, onde Lina já estava sentada se servindo. O rapaz sentou-se ao seu lado e pegou um pão macio temperado com orégano. Depois se serviu com uma caneca de madeira cheia de leite quente.

Os irmãos conversaram por um tempo, falando sobre diversos assuntos, mas o garoto hora alguma comentou sobre o seu pesadelo. Por mais que quisesse lembrar o que tinha sonhado, achou melhor não pensar no assunto. Se tinha se esquecido, era porque não tinha muita importância.

Após terminarem a refeição, saíram da cozinha, se despedindo do cozinheiro e de seus ajudantes que estavam por lá.

Voltando pelo corredor que levava ao saguão, os irmãos avistaram um jovem de cabelos escuros, curtos e ondulados, pele cobreada, seguindo em direção a eles.

– Oi pessoal, estava procurando por vocês – o garoto disse animado.

– Allen! Você vai ao treinamento hoje? – Lina perguntou animada.

Allen era amigo de longa data dos irmãos. O rapaz, que era dois anos mais novo que os gêmeos, fora encontrado na floresta ao norte do feudo quando tinha 6 anos de idade. Estava perdido e só sabia que seus pais haviam acampado em algum lugar da floresta. Os empregados do castelo, que recolhiam lenha quando o acharam, informaram ao rei o acontecimento. Por ordem deste, uma equipe de busca foi mandada à floresta para procurar pela família da criança perdida. Por conta da sua aparência física, não havia dúvidas de que seus pais eram moradores do Reino da Floresta. Todavia, foram sete dias incessantes de procura, mas não encontraram nem vestígios do acampamento dos pais do menino, nem sinal dos mesmos no feudo local. Por isso, o garoto, que se dizia chamar Allen, foi adotado por uma família de funcionários do castelo. O rei, consciente da situação, aceitou o garoto e ofereceu seus cuidados. E assim, durante dez anos, cresceu em meio àquele

povo. Por ter quase a mesma idade que os filhos do rei, Allen se tornou um irmão caçula de Din e Lina.

– Sim, meu pé já melhorou da última queda – o garoto respondeu sorridente.

– Isso é ótimo! – Din falou devolvendo o sorriso – Agora poderemos treinar juntos novamente.

– Para começo de conversa – protestou Lina para o irmão – se não fosse sua sugestão ridícula de subir aquele matacão sem corda, Allen não estaria machucado!

– Ora essa, mulher! - O rapaz brincou. – O menino já é um marmanjo! Pode fazer suas próprias escolhas sem mando de ninguém!

Lina não ficou convencida e Allen apenas riu da situação.

Os três saíram do castelo pelo portão principal, percorreram os jardins, com suas fontes e flores congeladas pelo frio, e seguiram caminho até a cidade, que ficava muito próxima do castelo. Passando pelo vasto campo antes de chegar até o centro, os três viam funcionários do castelo e comerciantes caminhando em direção ao castelo. Era uma coisa normal, supostamente estavam indo resolver problemas da cidade com a rainha, ou eram viajantes que vinham de longe pedir permissão para vender seus produtos. A cada pessoa que passavam, os companheiros cumprimentavam com um aceno de cabeça.

Passando pelas belas ruas cobertas de neve, Din não pôde deixar de notar um tumulto ali perto. Chamou Allen e Lina para

verem juntos dele o que se passava. Chegando mais perto, notaram um homem imponente, cabelos castanhos longos, uma barba por fazer, o rosto corado com o esforço. Era ninguém menos que pai de Din e Lina, e rei do Reino da Pradaria, onde moravam. O homem estava conversando com moradores de uma casa enquanto carregava quatro pesadas tábuas nas costas. Din se aproximou e cumprimentou seu pai.

– Bom dia, Artos! – ele disse.

Lina logo cumprimentou o pai da mesma forma.

– Olá, crianças. Indo para o treino?

– Sim, só passamos para te cumprimentar mesmo – a moça esclareceu.

– Eu estou ajudando em uma reforma aqui perto. Logo vou para o palácio. Então, se precisarem de mim, estarei lá. Ah! Cuide bem deles, Allen – acrescentou.

– Pode deixar, Artos – Allen disse sorrindo.

E assim os três continuaram a caminhar em direção ao seu destino. Depois de ter visto centenas de vezes seu pai e sua mãe ajudando o povo da cidade, Din decidiu que seria um rei tão justo quanto eles, embora ainda estivesse receoso de sentar ao trono. Ele admirava muito todas as sábias decisões que Mari tomava e ficava feliz em ver seu pai, um homem que já não era tão novo, dando tudo de si nas tarefas mais pesadas. A frase mais inspiradora que Din ouviu certa vez de seu pai foi: “Sirva aos servos, afinal, você não é melhor do que ninguém, apenas

ganhou o dever de protegê-los”. Entretanto, Din ainda preferia deixar o cargo com sua irmã e se tornar um viajante, como foi seu pai na sua idade.

Os companheiros finalmente tinham saído dos limites da cidade. Daquele ponto em diante, havia apenas campos onde cuidavam de rebanhos, e era lá onde Firza estava esperando seus alunos. Ambos os jovens apertaram o passo e, quando menos perceberam, estavam correndo e rindo, empolgados com o treino que teriam. Assim que avistaram sua tutora, acenaram felizes, mesmo que a moça não parecesse tão contente.

– Bom dia, Firza! – Lina sendo a primeira a chegar, foi a primeira a cumprimentá-la.

– Hoje vocês se atrasaram muito mais que poderiam. Acho que vou aumentar o exercício físico como castigo.

Din bufou. Ele gostava do treinamento quando aprendia algo novo, mas odiava a parte do treino físico. Era muito desgastante.

– Agora vamos. Tirem seus casacos pesados e comecem a correr ao redor do campo. Quero dez voltas – a mulher disse apontando para um cercado retangular de vinte metros de comprimento e dez metros de largura. Era uma longa caminhada.

Firza era uma criança quando foi encontrada sozinha em uma cidade já devastada por uma invasão feita por um necromante anos antes de Lina e Din nascerem. Foi Mari e Artos que a encontraram e acolheram. Depois que a garota conseguiu sua independência, quis viajar para além do país e ganhar sua

vida sozinha. Depois de pouco mais de uma década fora, assim que terminou seu treino e quando já estava com uma boa quantia de dinheiro, retornou para seu reino, comprou uma casa na cidade e continuou mantendo contato com seus amigos que a acolheram. E como gratidão pelo que Artos e Mari tinham feito por ela há muitos anos, Friza, a partir do dia que chegou ao lar, começou a treinar os dois filhos do rei para que pudessem se tornar fortes o suficiente e protegerem seu povo quando sucedessem ao trono.

Após darem todas as voltas, os companheiros já estavam bem ofegantes, mas ainda aguentavam correr mais. Firza começou, então, uma sequência de alongamentos com os jovens, por cerca de trinta minutos. Assim que terminou, a moça caminhou até dois barris de madeira. Tirou de dentro dele três espadas curtas de madeira, um arco curto e algumas flechas de ponta de ferro. Entregou duas espadas à Din, uma à Allen e o arco com as flechas para Lina.

– Hoje vocês treinarão suas técnicas com armas, já que ontem foi apenas treino de agilidade e resistência. – Firza contou. – Como podem ver, tem alvos e espantalhos para usarem para o treino. Ficarei os observando e ajudando sempre que preciso.

Ambos afirmaram com um gesto de cabeça. Lina foi até os alvos, enquanto Din e Allen se juntaram até os espantalhos.

O treino era dividido da seguinte forma: todos os dias, com exceção de sábado e domingo, os jovens treinavam. Em um dia, o treino era apenas para aperfeiçoar técnicas com o corpo,

do tipo agilidade, furtividade e resistência. Nos testes de agilidade, Din se destacava. Ele já era capaz de subir em qualquer torre do castelo sem nenhum problema, escalava as mais altas árvores da floresta de pinheiros ao norte do reino e também corria mais rápido que qualquer um, mesmo se seu caminho estivesse cheio de obstáculos. Lina era especialista em furtividade. A garota se movia tão silenciosamente quanto um lince das montanhas. Podia caminhar numa velocidade considerável, mesmo agachada e com o solo coberto de folhas secas, que nenhum barulho podia ser ouvido, além de ser especialista em combate à distância. Allen, por outro lado, havia começado a praticar há poucos meses. Mesmo assim, demonstrava alto desempenho e rápido aprendizado.

No dia seguinte ao do treino do corpo, os jovens aprendiam a como manejar armas. Lina escolheu as armas favoritas de seu pai. Desde que começou a treinar, a moça aprendia técnicas de arco e flecha e o manejo com facas e adagas de arremesso. Din escolheu algo bem diferente: combate com duas lâminas. Mas para chegar nesse nível, o jovem treinou bastante. Teve de aprender ambidestria com uma espada de cada vez. Fazia poucas semanas que havia ganhado a permissão de usar as duas espadas ao mesmo tempo. Já Allen ainda era indeciso em que arma usar, por isso Firza o indicou treinar com uma espada, para que pudesse ter uma noção de como seria, e eventualmente despertar nele algum interesse.

A tutora apenas passava por entre seus alunos, observando cada ponto, cada movimento, e estava realmente

satisfeita. Ao se aproximar de Din e Allen, pediu que parassem de golpear os espantalhos e lhes ordenou outro treinamento.

– Muito bem, rapazes. Hoje quero ver um combate entre vocês dois – ela ordenou.

Os jovens se entre olharam e obedeceram. Ficaram em posição de ataque, esperando a ordem para começar, até que Firza acenou, permitindo o início do combate. Ela via claramente que Din tinha muito mais técnica que Allen, mas o problema de Din era que hesitava demais, tinha medo de machucar o amigo. Allen, por outro lado, podia ser bem mais lento, mas não era o suficiente para ser derrotado com o que Din dava de si.

O menino estava sempre muito confiante, sabia que não machucaria o amigo, pois apenas precisava desarmá-lo, como fazia em seus treinos sozinho, usando uma vassoura e tentando derrubar uma faca agarrada à árvore, sem encostar no tronco. Era preciso um golpe forte e no local certo para que a faca saísse sem danificar sequer a casca da árvore.

Allen esperou uma brecha de Din, que estava prestes a aplicar um golpe com sua espada esquerda, de cima para baixo, enquanto a espada da mão direita estava na horizontal, pronta para defender um golpe vindo de baixo. Mas seu adversário percebeu a técnica. O menino defendeu o golpe de cima com a sua única espada e, com a perna esquerda, deu um chute no punho da espada direita de Din, que caiu no mesmo instante. Este, em contrapartida, aproveitou o segundo em que a perna de Allen estava no ar e chutou a outra perna, que ainda estava

apoiada no chão. O menino caiu imediatamente e Din usou o momento para prender o pescoço do oponente à lâmina de madeira. Era o fim do combate.

Firza assentiu satisfeita. Ambos os rapazes estavam progredindo.

– Bem, está na hora do almoço, vocês estão dispensados por hoje. E amanhã é treino de agilidade e resistência. Não falem – a moça disse, e seguiu seu caminho para a cidade.

Os três amigos guardaram as armas e se sentaram um pouco para descansarem.

– O treino hoje foi bom, não acham? – Lina perguntou um pouco ofegante.

– Eu queria mesmo era treinar nos obstáculos de madeira – Din respondeu.

Ele estava se referindo a uma construção toda feita de madeira, com barras, muretas e muros altos para escalada. Era o treino favorito dele.

– Eu só quero treinar levantamento de garfo até a boca. – Allen fez a piada. – Vamos logo, estou com fome!

Chegando ao palácio, Din logo avistou Artos e Mari conversando. Pareciam contentes, não deviam ser assuntos sérios. O garoto passou por eles e cumprimentou-os da forma que um filho faria. Lina fez o mesmo e os três companheiros continuaram seu caminho até a sala de jantar. Chegando lá, viram a mesa coberta das mais deliciosas comidas. Sentaram-se

os três lado a lado. Os irmãos esperaram pela mãe e pelo pai, e assim que chegaram começaram a comer. Em meio ao almoço, a conversa fluiu tranquilamente, os pais do jovem perguntaram se o treino havia sido bom, e que, por sua vez, perguntaram se os pais conseguiram bons resultados no trabalho daquele dia.

Assim que o almoço terminou, rei e rainha voltaram ao trabalho. Lina convidou Allen para caminharem pela cidade e Din, como não tinha nada de importante para fazer naquele dia, resolveu visitar seu avô, que passava o dia na biblioteca do castelo.

A biblioteca era enorme, com suas prateleiras fazendo um labirinto de conhecimento. Din ficava zozzo só de olhar para tantos livros, jurava que algum dia ia descobrir como seu avô amava tanto viver ao lado daquelas coleções tão velhas e fedidas, mas que Maron às chamava de “a essência do saber”.

– Vê, você está aí? – Din perguntou de maneira mais informal possível. Ele sabia que seu avô odiava formalidades e que não queria ser tratado como um ancião chato.

– Din! Chegou na hora certa! – Uma voz ecoou por entre as estantes. – Venha cá que quero lhe mostrar uma raridade incrível!

Din era fascinado pelas histórias do seu avô, que há muito tempo serviu ao exército do antigo rei. O velho era um exemplo de aventureiro que Din queria ser.

– Diga vovô, o que achou? – O jovem disse, finalmente achando Maron em meio aos livros.

– Olhe aqui, o que tenho em minhas mãos – o senhor mostrou, virando-se para o neto.

Era um livro de bolso muito velho, de capa preta e grossa, bem simples e com apenas algumas dezenas de páginas. A julgar pela aparência, Din chutava cerca de 20 anos para sua idade. O rapaz o pegou na mão e folheou rapidamente. Havia algumas imagens e umas escrituras bem diferentes. Imediatamente seus olhos se arregalaram.

– Deus do céu! É um livro élfico! – o rapaz exclamou.

– Exatamente, garoto! – Maron respondeu, partilhando da mesma alegria. – Eu o achei esta manhã mesmo, nem tive tempo de lê-lo. Se é que se eu o fizer entenderei alguma coisa.

Din tinha escutado desde criança muitas histórias sobre o povo elfo. Assim como seu pai, que escutou histórias de Maron, que pessoalmente conheceu um elfo puro, vindo de Merano, e que viveu parte de sua vida no continente de Pace. Por ventura, esse mesmo elfo, que na verdade era uma elfa, foi esposa de Maron e mãe de Artos.

Era o sonho do rapaz reafirmar uma aliança com os elfos, um povo que pouco se conhecia e ouvia-se falar apenas em histórias orais contadas por anciãos. Astutos do jeito que eram, nunca revelaram onde era sua terra natal, por isso, qualquer livro que achasse na biblioteca podia ser uma dica de como chegar até eles.

– Vô, eu posso ler esse livro aqui na biblioteca? – O rapaz pediu.

– Mas claro, Din. Eu mesmo ia oferecê-lo para ler. Ainda preciso arrumar algumas coisas aqui, então vou deixar a leitura para mais tarde.

Din agradeceu imensamente e foi escolher um canto para ler. Achou uma mesa e cadeira num canto da biblioteca e lá decidiu que seria um bom lugar, um lugar em que não seria atrapalhado.

A única coisa que Din poderia fazer com aquele livro era observá-lo em seus detalhes estruturais, procurando qualquer dica que fosse, já que ler aquelas estranhas letras era impossível. O rapaz passou horas procurando alguma informação que pudesse entender ou qualquer folha solta ou desenho, anotações de alguém que já tivesse o lido antes, e que oferecesse alguma dica sobre os elfos. Mas Din não encontrou nada. Ficou horas folheando o pequeno livro e nenhuma pista se revelou.

O jovem nem tinha percebido o tempo passar, muito menos seu avô, que já estava acostumado a ficar muito tempo de jejum. Quando o Sol se pôs, Lina entrou na biblioteca, olhado para todos os cantos. Da mesma forma que o irmão, não costumava ir muito à biblioteca, pois o cheiro de livro velho a incomodava mais que a qualquer um. Ela encontrou primeiramente o avô, Cumprimentando-o em silêncio, mas com todo o carinho de uma neta. Depois perguntou onde estava seu irmão e assim o velho homem apontou. Lá estava o rapaz, quieto num canto, fazendo a coisa menos esperada para alguém tão agitado quanto ele: lendo.

Lina se aproximou devagar, usando a furtividade, seu ponto mais forte. Chegou perto de Din e segurou seus ombros com força, inesperadamente. A garota sentiu o irmão tremer em suas mãos, mas ele nem sequer fez barulho.

– Lina, não vê que estou ocupado? – Din perguntou sem tirar os olhos do pequeno livro.

– Ora, eu venho aqui te avisar que o jantar já está servido há muitas horas e é assim que me agradece?

Din nem tinha notado, mas seu estômago não parava de roncar, e pela “leitura” incessante que teve aquela tarde, seu sono tinha chegado mais cedo também.

– A propósito, o que te trouxe para a biblioteca? Que livro é esse? – Ela perguntou, embora não estivesse mesmo interessada em papéis amarelos e fedorentos.

Din queria contar seu incrível achado pelo menos para a sua irmã, mas guardaria segredo de seu pai, por enquanto, pois sua vontade era fazer a descoberta sozinho. Artos, assim como o filho, era fascinado pelos elfos e queria de qualquer forma renovar a aliança com o misterioso povo. Mas Din não pretendia dar falsas esperanças para o pai, muito menos fazê-lo entrar de cabeça em algo que nem era concreto, e sabia que sua irmã não ia ficar de boca calada. Ela contaria para Deus e o mundo, então resolveu manter a pesquisa em segredo. Se seu avô julgasse necessário contar para o rei e a rainha do achado, então Din não questionaria, mas ainda pensava que Maron partilhava do mesmo pensamento.

- Nenhum em especial. Só queria visitar o vovô mesmo.
- Din disse sem demonstrar suas reais intenções.

E assim o jovem seguiu sua irmã até a sala de jantar. A moça já havia feito sua refeição, mas gostava de conversar com o irmão, e ele escutava-a de bom grado. Quando Din terminou de comer, os dois se levantaram e deram boa noite um para o outro. Já era tarde e na manhã seguinte seria um treino mais pesado que o daquele dia.

Chegando a seus aposentos, Din tirou as roupas de inverno e vestiu o pijama leve de dormir, pulou em sua cama macia e se cobriu com densas cobertas. Din estava pronto para dormir, mas lembrou de seu último sonho. Ele conseguia somente ver alguns flashes sobre ele, nada mais. Entretanto, lembrava-se claramente do quão aterrorizante o sonho tinha sido. O jovem fechou os olhos e rezou para que não tivesse sonho tão terrível novamente.

Capítulo 3 – Um novo momento

Din abriu os olhos. Dessa vez estava deitado em um campo de lindas tulipas e o perfume forte se espalhava ao seu redor, o tranquilizando. Até aquele momento parecia um paraíso. O rapaz, então, se levantou do chão macio. O céu era azul-celeste e não havia uma nuvem sequer. O campo estava bem claro, mas Din não via nem sinal de Sol e, procurando a gigante estrela pelo céu, levou um tremendo susto. Bem acima de sua cabeça estava a Lua. Uma estranha Lua que derramava sangue, que caía na grama verde e nas flores amarelas, tingindo-as de vermelho. Logo também escutou um choro, fraco e soluçante. Observou ao redor e viu bem distante dele uma árvore. Percebeu que o choro vinha de lá.

O rapaz tentou caminhar até o local, mas quanto mais andava, mais a árvore parecia se distanciar e o choro ficava mais alto. Din começou a se desesperar e correr cada vez mais rápido. Olhou para trás e viu um mar vermelho jorrar da Lua e vir em sua direção. Desajeitado, acabou tropeçando na grama alta, caindo de rosto no chão. Quando elevou o olhar, estava em frente à grande árvore e, agora que a via de perto, percebeu que estava seca, sem nenhum fruto ou folha. Logo abaixo, em suas raízes, estava sentada uma criança. O jovem se levantou e chegou perto da criança, tentando se comunicar.

– Ei, você está perdida de seus pais? – Perguntou e logo a criança parou de chorar.

A pequena figura levantou a cabeça para ver quem se dirigia a ela. Din notou que era uma menina muito diferente. Seus cabelos eram loiros bem fracos, quase brancos, suas orelhas bem pontudas, e o mais incrível, seus olhos eram heterocromados, um âmbar e outro verde bem claro.

– Você está demorando, Din. Venha logo, antes que seja tarde – a garotinha disse.

Din não entendeu o que ela quis dizer. Ir para onde? Demorando por que motivo?

O rapaz olhou para trás. O mar de sangue estava se aproximando e nada podia fazer para escapar. Mas a menina se levantou e segurou sua blusa.

– Use a espada, Din. A espada vai te dar coragem – ela disse apontando para uma espada cravada no tronco da árvore.

O jovem não pensou duas vezes e usou todas as suas forças para puxar o cabo da arma, até que com muito esforço conseguiu. Assim que a arrancou da árvore, a mesma incrivelmente floresceu. Várias pétalas cor-de-rosa brotaram instantaneamente da árvore seca e o mar vermelho que se aproximava violentamente de repente se dissipou e sumiu na grama verde.

O rapaz se surpreendeu. Observou atentamente a espada e viu que era feita de algum cristal, pois era de um azul transparente. Escrituras estranhas estavam gravadas em sua lâmina, que quando brilhavam Din sentia algo diferente.

– Garotinha, muito obrigado mesmo. Qual é seu no... – Din virou-se para perguntar o nome da misteriosa garota, mas ela já não estava mais lá.

Olhou para sua mão novamente e a espada também havia sumido, e a árvore seca mais uma vez. A única coisa que aconteceu depois foi um sussurro ecoando pelo campo, dizendo:

– Venha logo...

Din acordou confuso. Não sabia o que tinha acabado de sonhar, mas sabia que não era um sonho tão aterrorizante quanto o último. Também sentia que eles estavam ligados e, por isso, esse sonho que acabara de ter não deixava de ser menos curioso. O rapaz se levantou e, como de costume, arrumou sua cama, pegou seu agasalho e saiu para tomar seu café. Presumiu que ainda era cedo, já que Lina não havia lhe chamado ainda. A luz que passava pelas largas janelas dos corredores do castelo também indicava que mal tinha amanhecido.

O saguão não estava tão agitado quanto como depois da hora do café da manhã. Havia pouco movimento, salvo o guarda que se recostava à parede, vigiando atentamente com um dos olhos, já que o outro ainda não estava acordado. Din passou por ele e o cumprimentou com um aceno de cabeça. O guarda retribuiu o aceno, o que fez com que seu capacete quase caísse. “Agora ele ficará mais acordado”, pensou Din rindo mentalmente.

Na cozinha não havia ninguém. O rapaz, então, tomou a liberdade de pegar uma maçã e uma fatia de melancia. A maçã

comeu ali mesmo e a fatia de melancia ele levou consigo. Não havia ninguém para fazer o leite quente, nem para fazer um suco. Din ficou com preguiça e resolveu pegar outra fruta bem suculenta para satisfazer a sede.

Saindo do castelo, o rapaz já conseguia ver algum movimento na cidade pouco distante. O povo acordava bem mais cedo que os moradores do castelo, consequência do trabalho de cada um. Estavam de pé bem mais cedo para terminar as tarefas antes da noite chegar. Por outro lado, os moradores do castelo acordavam relativamente mais tarde, mas também terminavam seus serviços muito mais tarde.

Entrando na cidade, viu comerciantes começando a abrir suas lojas. O jovem os cumprimentava e recebia de volta os acenos. A família real possuía uma boa relação com o povo da cidade e tudo graças à influência de Mari e a presença de Artos, que um dia fora um simples camponês, Por esse motivo, ambos tratavam os moradores do feudo como semelhantes, que nada mais era do que a pura verdade. Dessa forma, cada cidadão vivia bem, desfrutando do conforto de suas casas e também de seus momentos de lazer. No castelo era o mesmo. Não era pelo fato de ser maior que a comodidade seria superior. O castelo era daquele tamanho para abrigar mais pessoas, estas que ali trabalhavam duro, e isso incluía a rainha e o rei. Mas, claro, os moradores do castelo também tinham seus momentos de descontração.

Din já estava saindo da cidade e chegando ao campo onde seu treino era feito. Viu, sem se surpreender, que ninguém havia chegado. Allen e Lina provavelmente ainda estavam

dormindo, e mesmo que Firza acordasse cedo, ainda era cedo demais para o treino começar. Portanto, o rapaz aproveitou a oportunidade para fazer o que mais gostava: saltar pelos obstáculos e fazer acrobacias.

Naquele campo mesmo, um pouco distante da área onde aconteciam os treinamentos com armas, havia uma construção toda de madeira, feita especialmente para treinar movimentos de agilidade, que era a especialidade de Din. Sem delongar com aquecimentos, escalou primeiro pelo maior muro, onde havia pequenas saliências para apoiar as mãos e pés. Assim que terminou a escalada, correu pelo topo amplo, saltou uma mureta que havia lá em cima e pulou para uma barra pendurada na horizontal. Balançou-se nela e caiu em cima de uma pequena mureta, na ponta dos pés, para que não se desequilibrasse. Dela pulou para uma segunda, uma terceira e uma quarta, fazendo uma passada impressionante e precisa. No final do telhado havia uma parte inclinada, que terminava no solo, e logo a sua frente havia outro grande muro. Din escorregou por essa saliência e, com um impulso das pernas, pulou para o grande muro antes que tocasse o chão. Usou os pés para absorver o impacto e depois o impulsionar para cima, segurando com apenas uma mão a borda do muro. Levantou sua outra mão, se apoiou firmemente e subiu com a força dos braços, sem dificuldades. Lá de cima o rapaz pegou uma carreira, chegou até a borda do outro lado e pulou. Seu salto foi incrível. Girou duas vezes no ar, ficando hora na horizontal, hora na vertical, mas ao cair no chão, calculou mal. Suas pernas ainda não estavam eretas, o que o fez cair de costas. Por sorte, sua tutora costumava colocar feno ao redor da

construção de madeira e, junto da neve que estava espalhada pelo chão, o impacto não foi forte e o jovem saiu ileso.

Din não era de desistir. Sempre gostou de incrementar manobras difíceis às suas corridas de obstáculos. Sabia também que era desnecessário e perigoso, e que inclusive sua professora não gostava quando o fazia, mas sempre que estava longe dela, Din tentava alguma acrobacia. Muito de seus machucados ocorreram tentando fazê-las, e mesmo assim persistia. O jovem errava constantemente, porém, naquele dia havia realmente algo estranho.

Depois de algumas horas treinando sozinho, Lina e Allen apareceram e junto deles estava Firza.

– Porque não me acordou? Eu sempre faço isso com você e é assim que me agradece? – Lina indagou chateada.

– Eu nunca te pedi pra me acordar, enjoada! – Din respondeu de cima da pista de obstáculos.

– Tudo bem, vamos descendo então e começar logo o treino – Firza disse a Din.

Era dia de treino de resistência. Um dia duro em que todos suavam bastante. Mesmo odiando esses dias, Din se saía muito bem neles. O rendimento de Lina era ainda melhor, já que gostava dos treinos físicos, enquanto Allen se esforçava ao máximo para acompanhar os dois. Entretanto, naquele treino, Din estava mais devagar que o de costume, e a causa não era porque o rapaz havia treinado mais cedo. Sua condição física era melhor do que isso. O problema é que estava pensativo em

relação aos dois sonhos que tivera. Firza, como havia notado o diferente comportamento do jovem, resolveu perguntá-lo o que se passava. Lina logo deu a desculpa de que o irmão passou horas com o avô na biblioteca, fuçando livros velhos e fedorentos, e por isso foi tarde pra cama e, somado com a hora em que acordou, agora estava naquele estado de sonolência.

Firza aceitou a desculpa, mas isso não a impediu de forçá-los a treinar ainda mais pesado.

Depois das cansativas horas de treino, a tutora dispensou todos para almoçarem. No caminho de volta, viram Artos, como sempre, ajudando em alguma tarefa pesada na cidade. Cumprimentaram-no e continuaram seu caminho. Chegando ao castelo, os amigos foram direto para a sala de jantar. Dessa vez não teriam a companhia da mãe e do pai, visto que ambos estavam ocupados. Por isso, não se tinha muito a conversar, ainda mais que Din estava tão pensativo e não queria falar muito. O almoço foi bem rápido e, assim que terminaram, cada um foi para o seu canto. Lina provavelmente ia passear pelas ruas da cidade, como sempre faz. Din acreditava que ela tinha muitas amigas por lá, diferente dele, que só conhecia pessoas mais velhas, que de toda forma eram boas para se conversar, mas não o seguiam em suas aventuras e explorações pela floresta ao norte do reino. Allen, por outro lado, estava disposto a seguir Din naquele dia, e este não fez questão de impedi-lo.

O jovem partira em direção à biblioteca fuçar mais alguns livros, e também com esperança de seu avô ter descoberto algo mais interessante. Chegando lá, a primeira coisa que fez foi

procurá-lo. Como sempre, o velho homem estava atrás de uma pilha de livros, organizando-os.

– Oi, vô! Como vai o seu trabalho? – Din perguntou de surpresa.

O senhor levou um susto com a entrada repentina. Estava muito concentrado em suas atividades e nem havia notado o barulho da porta da biblioteca abrindo.

– Ora, Din, vejo que sua pesquisa está mesmo interessante. Duas vezes na mesma semana vindo à biblioteca?

O rapaz sempre visitava seu avô, mas quase sempre do lado de fora da biblioteca. Somente entrava quando alguém lhe indicava um livro interessante para ler, geralmente de fantasia, que era o que mais gostava.

– E trouxe um ajudante com você – Maron completou.

– Eu ainda estou pensando se ele merece participar da minha pesquisa – Din brincou.

– Ah! Encontrei uma coisa que vai lhe interessar e, com certeza, ajudar na pesquisa.

Maron jogou por cima da pilha de livros um caderno velho de capa de couro mole e Allen o pegou no ar. Din observou o título logo que bateu os olhos naquele caderno. Estava escrito: “Criaturas místicas do mundo dos elfos”. E o subtítulo: “Anotações detalhadas de suas características”.

Sem dúvidas um livro cheio de informações valiosas. O rapaz agradeceu e foi para sua mesa estudar o livro. Realmente estava cheio de bom conteúdo, embora Din estivesse encarando aquilo mais como ficção do que realidade. Era difícil para quem morava em um lugar isolado da magia acreditar em tais criaturas apontadas naquelas anotações. Por exemplo, quem creria que existiria um réptil alado de mais de dez metros de altura e que cospe fogo? Din acreditava fervorosamente na existência dos elfos, mas ainda estava cético quanto ao resto das criaturas. Pensava que aquele livro era mais um conto para crianças elfas dormirem.

Allen ainda não sabia das reais intenções de Din com aquelas pesquisas. Imaginava que se referia a nada menos que uma busca por um bom livro literário, e Din deixou que seu amigo acreditasse que fosse assim.

Mais um dia inteiro havia se passado apenas rodeado por livros. Allen se retirara da biblioteca há muito tempo e Lina também havia aparecido por lá para deixar a janta para o irmão. O jovem naquele momento já estava com as pálpebras muito pesadas. Quando não aguentava mais, se despediu do seu avô e foi para o quarto dormir. Pensou que aquele dia tinha sido produtivo. Conseguiu guardar muita informação, mesmo que infelizmente nenhuma pista de como se comunicar com os elfos. Já deitado na cama, estava ansioso e ao mesmo tempo temeroso. Queria que seus sonhos lhe mostrassem algo importante, mas, ao mesmo tempo, tinha medo do que poderia ver.

Quando caiu no sono, Din “despertou” em seu sonho e percebeu que estava sentado em uma cadeira. Olhando ao redor,

reconheceu estar em uma espécie de quarto com quatro cantos. Ainda sim, era estranho dizer que eram mesmo quatro paredes, pois elas pareciam mesclar-se ao ambiente do lado de fora. O chão era gramado, as paredes mostravam o horizonte e o teto era o céu. Tudo se mexia como se tivesse vida, mas, ao mesmo tempo, pareciam figuras pintadas. Existia também uma porta e uma janela, que aparentavam estar suspensas no ar. Dentro do quarto, alguns livros repousavam em estantes, enquanto alguns flutuavam como se não houvesse gravidade. Din viu dentre os livros um em específico: o pequeno livro preto com as escrituras élficas. O garoto o pegou e folheou devagar. Dessa vez entendia cada palavra escrita e uma das frases contidas nele chamou muito sua atenção: “O caminho entre os elfos e humanos está a poucos passos de distância”. Era o que dizia.

Na página seguinte Din percebeu, à luz do Sol, um sombreado diferente de uma folha a outra. Era uma página escondida. Nela tinham desenhos de uma janela em formato oval indicando um ângulo de 90°. Era a mesma janela daquele quarto. O jovem foi até a janela e a posicionou no ângulo correto. Ela fazia uma simulação de luneta devido ao formato do vidro, que era de lente biconvexa. No centro da luneta-janela aparecia uma grande rocha que formava uma abertura como se fosse uma caverna. E do lado da grande rocha, para surpresa de Din, estava a mesma garotinha loira que aparecera no seu sonho anterior.

Din correu para a porta e a abriu rapidamente. Seguiu em direção à menina, que o chamava com um aceno de mão. Chegando lá, apoiou-se nos joelhos com a cabeça baixa, tomando fôlego, mas quando elevou o olhar novamente, a

menina havia desaparecido. O rapaz, então, foi verificar o interior daquela caverna e uma voz doce surgiu detrás dele.

– Continue, estamos tão próximos...

O jovem acordou dizendo as últimas palavras da suave voz: “Próximos”. Era o que ele se lembrava do sonho, e também que havia livros, muitos livros nele.

Din não costumava pensar em sonhos como mensagens, mas acreditou que dessa vez sua chance de se comunicar com os elfos estava na biblioteca do castelo. Era o único lugar com muitos livros. Levantou apressado e mal se arrumou. Estava tão empolgado que nem passou pela cozinha para tomar seu café matinal, indo direto para a biblioteca. Seu avô nem havia chegado para trabalhar, então seria apenas Din e os livros.

Aproveitou que era uma manhã de sábado e não teria treino para ficar mais tempo procurando pistas nas pilhas de documentos. Obviamente, sua busca começou no pequeno livro escrito na misteriosa língua dos elfos, com a ajuda do outro que possuía detalhes sobre criaturas que viviam naquelas terras mágicas.

A porta rangeu levemente. Era Maron, chegando para trabalhar.

– Ora, vejam só o que temos aqui! Um jovem dedicado à sua pesquisa – o senhor disse animado.

– Bom dia, vô! Eu estava aproveitando essa manhã de sábado para poder pesquisar por mais tempo.

– Entendo. Fique à vontade, então, meu filho – o velho homem pediu.

Não muito tempo depois da chegada de Maron, a porta da biblioteca se abriu novamente. Dessa vez era Lina, com um prato de mingau e uma caneca de leite quente nas mãos.

– Presumi que você estaria aqui, já que hoje é dia de folga do treino.

– Ah! Obrigado, irmã. Eu nem estava pensando em passar na cozinha hoje – o rapaz respondeu.

– Se está pensando que vou te trazer o almoço, pode esquecer! Você vai aparecer no horário certo para o almoço! Se ficar o dia todo nesses livros feito um rato de biblioteca, vai virar um Wendigo! – Lina repreendeu.

Din ficou surpreso.

– Você conhece os wendigos? Você andou lendo os mesmos livros que eu?

– Receio que não – Maron interveio, divertido. – Foi seu velho avô wendigo que contou algumas histórias para ela.

– Ah! Desculpe-me, vovô! Não quis dizer que o senhor era um wendigo! – Lina se desculpou, sem graça. – De qualquer forma, não se esqueça também que amanhã é nosso aniversário. Papai e mamãe estão se esforçando bastante pra fazer uma grande festa para nós. Todos do reino serão convidados na noite de amanhã. Então, não coloque nem um pé aqui na biblioteca.

Eu e você vamos dar uma volta pela cidade e deixá-los preparando a festa e não voltaremos antes das seis da tarde.

Após deixar o recado, a menina saiu da biblioteca com passos largos e pesados.

Assim que tudo se acalmou na biblioteca novamente, Maron tornou a falar.

– Parece que ela está zangada por você não ter contado nada sobre sua pesquisa a ela.

– Ainda falta muito para que eu possa realmente chegar a um resultado concreto. Assim que eu conseguir isso, vou falar com ela – o jovem respondeu. – Ah! É claro que também vou contar para você, vovô.

O velho homem sorriu e agradeceu a consideração.

Horas e horas se passaram desde que Din havia chegado à biblioteca. O rapaz leu todos os registros sobre os elfos que estavam em sua língua, além de ter pedido ao avô para lhe contar algumas histórias também, mas nada do que leu ou ouviu pôde oferecer alguma informação que queria. O passo mais próximo de Din foi ter descoberto que a autora daquele livro supostamente chamava-se Aila Ombero. Segundo seu avô, Aila foi um dos elfos que começou a povoação de sua tribo nas terras dos humanos. O jovem também crescera escutando que os elfos criaram portais que conectavam o continente dos humanos com o deles. Isso implicaria dizer que, possivelmente, Aila estivesse por trás da criação dos portais? Se sim, aquele livro preto poderia

dizer alguma coisa? Foram duas questões que martelaram na cabeça de Din a tarde toda.

Já era quase hora do jantar, notando que a luz do Sol mal entrava mais pela janela circular da biblioteca. O rapaz acendeu uma vela para poder continuar lendo, mas seus olhos estavam pesados demais. “Um cochilo não vai fazer mal, só dez minutos e depois eu vou jantar”, foi o que o jovem pensou.

Ele deitou sua cabeça sobre os braços cruzados e adormeceu rapidamente. Foi naquele estado de transe, o momento em que a pessoa está entre o sonho e a realidade, que Din escutou alguém chamá-lo e sentiu um vento gelado soprar sua orelha.

O jovem acordou com um pulo, bem no momento que a brisa gelada que entrava pela janela circular virou uma página do pequeno livro preto que estava aberto. A chama da vela bruxuleou e a luz deixou uma página transparente. Naquele rápido momento, Din viu o sombreado de um desenho, que estranhamente ainda não tinha visto. O jovem virou a página novamente, mas para a sua surpresa o desenho não estava em nenhum dos lados da folha. Estava entre ela.

Din abafou uma exclamação. Era aquele tipo de pista que estava procurando, uma página secreta. Colocou-a de frente para a luz, a fim de examinar seu conteúdo. Era um desenho com várias escritas ao redor e logo o rapaz começou a tentar decifrar os desenhos. Um conseguiu reconhecer como a representação da janela da biblioteca, redonda e com o vidro em forma de lente

de luneta. Na representação, setas indicavam para deixar o vidro na posição vertical.

Em outra figura mostrava o que parecia ser o Sol e seus raios de luz passando por entre a lente, dando o efeito de quando alguém direciona a luz com o auxílio de uma lupa. E no terceiro e último desenho mostrava a planta baixa do que parecia ser a própria biblioteca, mas havia algo diferente nela. Existia um quarto bem no centro da biblioteca, o que era impossível, já que debaixo da biblioteca havia apenas o depósito, e debaixo deste a própria terra, nada mais. E depois, do lado de fora do castelo, um cômodo maior.

Naquele instante, enquanto Din pensava em alguma resposta para aquilo, a porta da biblioteca abriu. O jovem escondeu rapidamente o livro debaixo da mesa em que estava e apagou a vela com um sopro. Levantou-se da cadeira e andou em direção à porta. Para sua sorte, aquele canto que escolheu para ler ficava entre várias estantes de livros, então mesmo que alguém entrasse pela porta da biblioteca, não o veria de imediato.

Chegando à saída do grande cômodo, Din percebeu que era Lina, e com uma cara bem zangada.

– Já passou da hora do jantar! E você sequer almoçou! O que você ainda está fazendo aqui?

– Me desculpe, eu acabei cochilando enquanto lia – o rapaz respondeu tentando aparentar estar calmo.

– Bem, que seja! Mamãe me pediu para te chamar. Vamos logo jantar e ir dormir. Allen está esperando lá no salão de refeições.

E assim que terminaram de comer, os três foram cada um para seus respectivos quartos. Din não demorou a dormir, apesar de estar ansioso para testar as instruções que haviam no livro. Imaginou que tipo de sonho teria aquela noite, se apareceria alguém para lhe dizer que aquele era o caminho certo, dar alguma dica ou resposta sobre aquela busca toda. Mas aquela noite foi sem sonhos. Nada demais aconteceu.

No dia seguinte, Din acordou um pouco mais calmo que o de costume. O rapaz se levantou, vestiu suas roupas e agasalho e se dirigiu para a cozinha. Era uma manhã de domingo especialmente fria. Din viu pela janela, raros flocos de neve caírem e uma nuvem carregada que se aproximava. Cada canto do castelo estava gelado, a ponto de sair fumaça branca da respiração do rapaz, mesmo estando sob um teto. Mas, assim que se aproximava da cozinha, a temperatura ia mudando, e quando abriu a porta do cômodo sentiu aquele ar aquecido bater em seu rosto e entrar em seus pulmões. O cheiro também estava muito bom.

Allen e Lina já tomavam o café da manhã, enquanto conversavam. Din se juntou aos companheiros e começou a se servir de cada tipo de comida disposta à mesa.

– Ei, Din, você sabe que hoje é nosso aniversário, não é?
– a irmã do rapaz perguntou.

– Você vai ficar me lembrando disso a cada segundo?

– Vamos dar algumas voltas junto com o Allen até dar umas seis da tarde – a moça sugeriu, ignorando o mau humor do irmão. – Hoje mesmo papai veio até a mim e pediu para que fizéssemos isso. Em minha opinião, ele não quer que vejamos como vai ficar a festa. Quer que seja uma surpresa. E também acho que quer que aproveitemos esse dia pra relaxar. Então nada de ir à biblioteca.

Din acenou positivamente enquanto mastigava um pão. Não adiantava dizer “não” para a irmã.

Desde algumas semanas atrás que Mari e Artos falavam dessa festa para os dois irmãos. Uma data mais que importante, já que era o dia em que os dois completariam 18 anos e seriam adultos. Era comum a mãe e o pai darem grandes festas de aniversário para os filhos e convidar todo o povo, como uma forma de agradecer o trabalho duro que todos davam no ano inteiro. Os irmãos gostavam de ver o povo tão feliz, brindando e dançando a noite toda, mas era realmente chato ter que cumprimentar várias pessoas e mal conseguir conversar com quem queriam, afinal, os dois viravam o centro das atenções. Além disso, por mais que Din soubesse o quão especial seria aquele aniversário, não conseguia conter-se de curiosidade sobre a pista que achou no livro preto escrito pelos elfos. O jovem ainda preferia gastar o dia na biblioteca, mas com certeza a irmã não deixaria.

– Vamos, então? – Lina interrompeu os pensamentos do rapaz.

– E eu tenho escolha?

Andando pela cidade coberta de neve, os irmãos recebiam acenos e desejos de feliz aniversário dos cidadãos e os retribuía de bom grado. Era bom ter relações amistosas com o povo e poder andar tranquilos assim pelas ruas. Não era algo normal de se ver nos outros reinos. Somente em um reino governado pelos mais justo algo assim poderia acontecer.

Se afastando um pouco da agitação da cidade, os três jovens seguiram caminho para o local onde treinavam com Firza. E, chegando lá, Allen sentou sobre uma cerca, enquanto Din e Lina deitavam-se sobre a neve macia, enrolando-se em seus casacos. E por um tempo eles ficaram em silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Até que Din manifestou-se.

– Sabem? Eu estive pensando...

– Por Deus! É um milagre! – a irmã brincou, impedindo o irmão de terminar a sentença.

– Ha-ha! Engraçada – ele disse sarcástico. – Mas é sério, vocês já se imaginaram saindo desse reino?

Houve uma pequena pausa.

– Isso acontece de vez em quando, não? – Lina disse.

A garota referia-se às viagens que os pais deles faziam a negócios. Acontecia de mês em mês. Era sempre para resolver problemas relacionados ao comércio e às estradas que ligavam os reinos, e às vezes um convite de algum rei de outro reino,

chamando a família real para uma ceia ou evento. Os irmãos sempre iam, mas era do reino deles para a carruagem, e da carruagem para o reino vizinho. Nunca adentravam em uma floresta, exploravam um bosque, ou qualquer coisa um pouco mais emocionante.

– Estou falando de uma viagem de verdade. Sair dessa rotina, ver novos horizontes...

– Soou como um poeta – Lina disse, zombeteira.

– Na verdade, eu entendo o Din – Allen o defendeu. – Acho que seria bom conhecer lugares novos. Lembro-me de Firza falando sobre sua viagem por terras distantes e o país ao norte, em que morou por alguns anos.

– Sim, conhecer novos climas e vegetações, animais diferentes, culturas diferentes...

– “Eu entendo o Din” – Lina imitou o amigo enquanto gesticulava a mão. – Você é um puxa-saco, isso sim! E quanto a você, Din, acho que você está lendo demais.

– Sim, acho que estou lendo demais! – Din não conseguiu manter a seriedade depois da brincadeira da irmã.

Capítulo 4 – Os novos reis

Depois de gastarem a tarde toda conversando o perambulando, os três jovens decidiram voltar para o castelo. O Sol já estava se pondo, o que significava que já era mais de seis horas. Passando pela cidade, o grupo viu poucos cidadãos pelas ruas e alguns pareciam dirigir-se para o castelo. A maioria trajava roupas elegantes.

– Acho que nossos pais se empolgaram esse ano – Lina pontuou, mas sua excitação também era visível.

Nas festas anteriores de aniversário que os irmãos tiveram, apenas moradores do reino eram convidados, mas esse ano seria diferente. Era o aniversário de maior idade de Lina e Din. Por causa desse fato, os pais dos irmãos convidaram também a realeza de reinos vizinhos, dos quais mantinham boas relações. Isso só havia ocorrido no nascimento dos dois, então fazia dezoito anos desde a última grande festa.

– Ouvi dizer que vão ter mais jovens dessa vez – Allen comentou. – Acredito que muitos estarão na festa apenas para pedir a mão de Lina em casamento.

Din ficou vermelho de raiva no mesmo instante. Mas logo pensou em uma resposta do mesmo nível que aquela brincadeirinha de Allen.

– Acredito que disputaremos a atenção – Din estufou o peito, zombeteiro. – Quem sabe eu não te apresente alguém, já que você não faz muito sucesso com as garotas, Allen?

Lina riu com a piada do irmão. Allen apenas coçou a cabeça sem jeito. O garoto sabia que seu amigo nunca zombava de ninguém, mas se mexessem com ele primeiro, era outra história.

Ao chegarem aos enormes portões de ferro no jardim do castelo, viram um tumulto de pessoas na entrada. Risadas, conversas altas, música, pessoas dançando e cantando ao som dos instrumentistas, e comida, muitas barracas de comida. Ao aproximarem-se, as pessoas viravam-se uma por uma batendo palmas, saudando os aniversariantes calorosamente. Quando chegaram ao grande salão de entrada do castelo, tiveram que cumprimentar cada líder convidado, vindos dos reinos vizinhos, uma tarefa que os irmãos odiavam.

Entre abraços e apertos de mãos, Din acabou encontrando quem realmente queria: seu primo Raoni. Raoni era filho de Dario e Elena. Por sua vez, Dario era irmão de Artos. O homem lutou lado a lado com o pai de Din na “Batalha dos Mortos”. Durante o evento, o casal, que naquela época já estavam com o recém-nascido Raoni, resolveu se mudar daquele reino dominado pelo poderoso necromante. Bem próximo ao Reino da Floresta, a família construiu uma pequena casa em um vilarejo tranquilo. De guarda real, antigo trabalho de Dario, virou camponês. Artos ofereceu o antigo posto do irmão depois que conseguiram restaurar o Reino da Pradaria, e até o pediu que fosse seu conselheiro, mas Dario recusou, educadamente. “Eu